

INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO: TEORIA E CONSEQUÊNCIA DA ATRATIVIDADE DE INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS NO BRASIL

Esther Marques da Silva Corrêa¹

Doutor Leonardo Mèrcher²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar uma das principais teorias acerca do investimento direto estrangeiro, analisando a decisão em realizar o Investimento Direto Estrangeiro como também as consequências da atratividade do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) no Brasil no período de 2009 a 2011. Nos últimos anos, o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) tem aumentado consideravelmente, visando identificar quais são os fatores políticos, econômicos, sociais e culturais que tem atraído empresas estrangeiras a investir no Brasil, como também os fatores que causam resistência aos investimentos estrangeiros. É importante ressaltar o quão significativo tem sido os investimentos para a economia brasileira, que vem dado saltos significativos, elevando o PIB nacional e o desenvolvimento de toda a estrutura através da entrada de capital estrangeiro, ou seja, uma empresa de determinada nacionalidade se internacionalizando através de investimentos como abertura de uma nova empresa, fusões, aquisições, dentre outros.

Palavras-chave: Investimento Direto Estrangeiro. Brasil. Atratividade. Consequências. PIB. Desenvolvimento. Investimentos. Empresa. Fusões. Aquisições.

1 INTRODUÇÃO

Em uma economia em desenvolvimento como o Brasil, o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) pode desempenhar uma função bastante significativa na modernização, principalmente dos países com a economia em transição. Neste sentido, o IDE pode influir diretamente no crescimento econômico, aumentando o nível de emprego e a qualificação da mão de obra, podendo ainda contribuir para melhorar a capacidade produtiva e tecnológica do país.

O objetivo desta pesquisa é mostrar quais são as principais consequências da atratividade e não atratividade dos investimentos estrangeiros no Brasil, mas

¹ Esther Marques é graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional.

² Leonardo Mèrcher é Doutor em Ciência Política (UFPR, 2016).

previamente, deve-se entender o que é o Investimento Direto Estrangeiro e suas características teóricas.

Na primeira seção, pode-se analisar de forma sucinta, o conceito de Investimento Direto Estrangeiro, que se caracteriza como a entrada de capital estrangeiro no mercado nacional, ou seja, empresas estrangeiras que desejam internacionalizar-se e instalar-se em outros países. Ainda dentro do contexto do IDE, podem-se identificar os fatores que levam as empresas estrangeiras a conquistarem o maior espaço dentro do mercado, esse fator é denominado “Fusões e Aquisições”, que é uma estratégia para a entrada em novos mercados consumidores.

Na segunda seção, pode-se examinar caracterizadamente quais são os principais fatores que atraem empresas estrangeiras a investirem no Brasil assim como também os aspectos que não as atraem, causando resistência ao investimento.

Já na terceira e última seção, pode-se analisar como o Investimento Direto Estrangeiro tem afetado diretamente na economia nacional, através da desnacionalização, e como a sofisticação produtiva tem um papel importante neste enfoque.

Para Cunha (2011), a atratividade de investimentos diretos estrangeiros no Brasil é um processo que vem se desenvolvendo e aumentando cada vez mais. Com o passar dos anos, pode-se entender que o Brasil tem atraído capital estrangeiro muito mais do que outras economias desenvolvidas. Porém, esse aumento acentuado de investimento estrangeiro tem sido significativo principalmente pelo aumento do PIB (Produto Interno Bruto), solidez macroeconômica e estabilidade política, econômica e social.

Já no que se diz respeito à não atratividade de investimentos estrangeiros no Brasil, Cunha (2011) afirma que, no Brasil, além das determinantes positivas que atraem capital estrangeiro conforme citadas, também se apresentam determinantes negativas que acabam causando resistência ao investimento. Dessa maneira, as empresas estrangeiras acabam optando por investir em outras economias em transição como o Brasil, pois além da distância geográfica em comparação às outras economias emergentes, o Brasil é o que mais se distancia do centro de emissão do IDE³.

³ O centro de emissão de investimentos estrangeiros é localizado na Europa, na qual está inserida a maior parte das nações desenvolvidas.

Além disso, o Brasil também apresenta aspectos como infraestrutura precária, custo da mão de obra, dentre outros fatores que não tendem a atrair investimentos, pois o investidor, antes de inserir capital em outro mercado, analisa todos os dados coletados, para que não possa haver prejuízos acarretando na eliminação no mercado interno.

Por outro lado, o investimento direto estrangeiro também pode afetar negativamente na economia nacional, causando a desnacionalização dos produtos nacionais como também a eliminação nas empresas nacionais do mercado, por falta de estruturas necessárias para competir com a concorrência, e fazendo com que as empresas nacionais queiram se expandir internacionalmente.

2 CONCEITO DE INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO

Os primeiros estudos sobre a teoria do Investimento Direto Estrangeiro considerados estudos bases, surgiram a partir da década de 1964. A princípio, não havia nenhum registro que comprovasse atividades estrangeiras de empresas fora dos seus limites. A primeira colaboração foi escrita por Stephen Hymer, surgindo assim, as primeiras teorias sobre empresas multinacionais, publicada em 1976. Nesse sentido, o Investimento Direto Estrangeiro é definido como um relacionamento de longo-prazo que reflete um permanente interesse e controle por um estrangeiro sobre uma empresa residente em outra economia.

No campo das economias e das finanças, o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) é o investimento duradouro realizado por uma empresa em um país estrangeiro, caracterizado por no mínimo 10% do capital social de uma empresa estrangeira. Diversas empresas estrangeiras encontram no Brasil excelentes oportunidades para investimentos em setores como energia, infraestrutura, indústria automotiva, entre outros. Desta maneira, os recursos que entram no país exterior auxiliam tanto no PIB como também na capacidade de produção.

Para Hymer (1968), há uma necessidade de surgimento de vantagens exclusivas, caso haja uma falha no mercado estrutural, consideradas imperfeições. As empresas necessitavam de um capital significativo e alguns mecanismos como patentes, produtos específicos, conhecimentos técnicos e etc, no intuito de se internacionalizar e competir com empresas locais. O surgimento dessas vantagens

exclusivas a algumas empresas implicava na existência de algum tipo de falha de mercado estrutural, denominadas “imperfeições”.

Hymer (1968) identificou quais eram os fatores positivos e negativos para uma empresa se internacionalizar. No que diz respeito aos pontos positivos, Hymer analisou que as empresas, de certa forma, contribuem para a economia não só nacional como mundial, como também influenciando nos mercados considerados imperfeitos. Por outro lado, as competições econômicas no mercado externo podem ocasionar a eliminação da concorrência, como também problemas econômicos e até mesmo políticos.

Nos últimos anos, a partir do processo de globalização, o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) começou a se expandir de uma forma considerável, principalmente no Brasil, que é o país que recebe mais investimentos estrangeiros na América Latina. Nesse sentido, o investidor influencia significativamente sobre o negócio da empresa residente em outra economia.

Com o aumento do IDE, é importante ressaltar que os recursos que entram no país ficam durante um período de tempo e ajudam a aumentar a capacidade de produção, ao contrário do investimento especulativo, que entra em um dia, passa pelo mercado financeiro e pode sair a qualquer momento. Assim, o investimento no exterior é caracterizado por pelo menos 10% do capital social de uma empresa estrangeira.

O fluxo de capitais aumentou de forma significativa, principalmente a partir do processo de globalização, dando entrada aos investimentos estrangeiros no território nacional. Desta forma, o Brasil vem dividindo espaço com outras economias emergentes, como Índia, China e África do Sul (BRICS)¹, que também estão sendo alvos dos investimentos estrangeiros.

Além de auxiliar no desenvolvimento da economia brasileira, e do PIB (Produto Interno Bruto) o IDE traz novas tecnologias, racionalizando as estruturas produtivas, melhorando, assim, o fluxo do comércio e a infraestrutura, inserindo o país nas cadeias globais de valor, gerando empregos e estimulando a qualificação da mão de obra.

¹ Brics é nome dado a um conjunto econômico de países considerados "emergentes", formado atualmente pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Desta forma, Hymer (1968) destaca que o IDE também estimula a construção de uma planta industrial, a compra ou fusão com uma empresa já em operação no Brasil, ou a realização de parceria com empresário local, ou seja, a aquisição de parte ou totalidade da propriedade de uma empresa no exterior, com o objetivo de oferecer seus produtos e serviços para o mercado brasileiro e outros mercados.

Dentro desse contexto, as empresas buscam por vantagens competitivas que possam permitir e obter destaque mediante os concorrentes, adquirindo assim, maior espaço no mercado. Entre todas as estratégias adotadas pelas organizações, se encontra-se o processo de Fusão e Aquisição, que foi uma das formas mais importantes para a entrada de capital estrangeiro no Brasil. Além disso, segundo Barros (2003), um dos principais impulsionadores dos fluxos do IDE nos últimos anos tem sido o movimento de Fusões e Aquisições, que vem sendo representado por mais de 60% do fluxo total da saída de IDE.

Para Barros (2003), as Fusões representam a união de empresas independentes para alcançar maiores lucros dentro do mercado. As fusões acabam se tornando, na maioria das vezes, um esforço direcionado; No entanto, as marcas são independentes.

Já as aquisições, segundo Barros (2003) podem ser definidas pela compra total ou parcial de uma empresa por outra, que a ela será incorporada. No geral, as aquisições envolvem um ativo estratégico para diminuir a concorrência.

Barros (2003) destaca que tanto as fusões quanto aquisições podem gerar desordem nos mercados nacionais, já que podem acabar por diminuir o lucro das empresas nacionais menos competitivas, pois a finalidade central é a maximização de ativos ou evitar a sua perda.

2.2 A ATRATIVIDADE E NÃO ATRATIVIDADE DO IDE NO BRASIL

Nos últimos anos, muitas economias em transição como o Brasil atraíram, a partir de 2010, mais investimentos estrangeiros do que as economias desenvolvidas, mostrando, assim, que o PIB (Produto Interno Bruto) tem sido superior aos países desenvolvidos, principalmente alguns países que constituem o G7².

² G7 é um grupo internacional que reúne os cinco países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo. O grupo é constituído por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

Mediante a esses fatores, segundo Cunha (2011), o tamanho da economia brasileira em 25 anos se tornará superior a outras economias, demonstrando que as economias em transição estão mais bem preparadas para enfrentar uma crise do que as desenvolvidas.

Entre os fatores que ocasionam a atratividade de investimentos estrangeiros, em primeiro lugar, pode-se citar a solidez macroeconômica, política e social da economia brasileira, bastante significativa comparada com as nações desenvolvidas.

No segundo fator, pode-se destacar a taxa de crescimento, mediante a grande população existente no Brasil, ou seja, o aumento da população tem ocasionado forte mercado consumidor através da incorporação, pois a classe média tem crescido e mostrado níveis de consumo elevadas, ultrapassando a média europeia.

O terceiro fator que tem atraído empresas estrangeiras a investir no Brasil seria o clima amistoso para o estrangeiro, ou seja, os investidores estrangeiros se sentem bem recebidos no Brasil, pois acabam se familiarizando com o clima e o ambiente. Com isso, o bem estar se torna um fator importante para o investidor direto, que acaba sendo mais um incentivo para investir no país.

As regiões Sudeste e Sul do Brasil concentram a maior atratividade dos investimentos estrangeiros, pois o mercado consumidor é bem maior, comparadas às outras regiões do país, e também pela mão de obra qualificada que se concentra nestas regiões.

Como a atratividade de capital estrangeiro no Brasil está inserida em um novo patamar de desenvolvimento, estimula o aquecimento da economia nacional, ou seja, as empresas brasileiras competem de forma igualitária com empresas estrangeiras no mercado interno, mas como isso nem sempre ocorre, as empresas estrangeiras apresentam tecnologias de produção altamente sofisticada, obrigando assim, muitas empresas nacionais a se internacionalizar devido à grande competitividade do mercado brasileiro.

Assim como o Brasil atrai investimentos estrangeiros, por outro lado podem existir fatores que dificultam os investimentos estrangeiros no Brasil que são destacados por Cunha (2011).

Segundo Cunha (2011), o primeiro fator que causa resistência ao investimento estrangeiro é a distância geográfica, pois os outros países como China e Índia estão

mais próximos dos centros de emissão de investimentos estrangeiros que são as nações desenvolvidas (Europa).

O segundo fator da não atratividade estrangeira destacado por Cunha (2011) consiste na falta de estrutura ferroviária, portuária e aeroportuária. A falta de investimento em infraestrutura no Brasil não atrai os investimentos estrangeiros, pois além da estrutura ser deficiente atingir o investimento econômico, dificulta o fluxo de entrada e saída de bens.

O terceiro fator não atraente pode-se destacar o custo da mão de obra que é elevado, logo, ocasiona a resistência de investimentos estrangeiros, visto que mesmo que o custo seja alto para as empresas, a mão de obra ainda é baixa, pois a empresa paga impostos altíssimos para o governo. Desta forma, o governo concentra a maior parte do capital, e o custo da mão de obra permanece elevado para as instituições, porém o salário consequentemente continua baixo.

Apesar de o custo da mão de obra ser baixo, o nível de ensino no Brasil é inferior, principalmente nos anos primários da escola, que não há aplicação de capital na educação, que acaba acarretando em pouca formação profissionalizante no país.

Deste modo, o investidor de capital, a partir do acesso às informações a qual são de extrema relevância ao investimento estrangeiro, sobretudo na busca de mão de obra qualificada, quando comparada com outras economias em desenvolvimento, o Brasil fica atrás.

2.3 DESNACIONALIZAÇÃO E SOFISTICAÇÃO PRODUTIVA

Para Bresser (2009), o aumento acentuado do fluxo de IDE no Brasil, além de trazer inúmeros benefícios à economia nacional, como a crescente taxa de crescimento no PIB (Produto Interno Bruto), também acabou causando uma desestruturação do mercado interno, denominado “desnacionalização”.

Desta maneira, a desordem na economia acabaria ocasionando na dificuldade do Brasil em dar o salto necessário para o avanço tecnológico, do conhecimento e de qualificação, pois a desnacionalização leva a transferência de empresas brasileiras para empresas estrangeiras, passando a ser comandadas pelas mesmas. Esse processo vem se intensificando cada vez mais nos últimos anos, assim que os investimentos cada vez mais atendem somente aos interesses externos.

Segundo Bresser (2009), com a aquisição de empresas brasileiras, as firmas estrangeiras importam o próprio produto final, transformando a empresa que foi desnacionalizada como a porta para venda de produtos vindos do exterior, causando assim, um aumento acentuado da importação de bens.

Bresser (2009) afirma que o mercado nacional vem sendo afetado por esse processo, pois as empresas estrangeiras adquirem maior poder financeiro e as empresas brasileiras acabam ficando à mercê do capital estrangeiro, pois a desnacionalização fez com que a propriedade estrangeira sobre empresas dentro do Brasil aumentasse significativamente.

A desnacionalização acaba criando um paralelo com a desindustrialização, ou seja, a indústria nacional tem sido vítima do aumento salarial do governo, com a falta de mão de obra qualificada, com a falta de infraestrutura adequada e com o excesso de impostos, fazendo com que as empresas não consigam mais competir com os produtos importados, ou até mesmo encontrar um meio termo se internacionalizando para que não seja eliminado definitivamente pela concorrência.

Desta maneira, Bresser (2009) aponta que o meio mais viável para evitar o desaparecimento das empresas nacionais seria o estímulo à sofisticação produtiva, ou seja, o aumento continuado da produtividade, que implica sofisticação cada vez maior da mão de obra empregada na produção. Essa elevação pode ocorrer no mesmo setor, mas geralmente o aumento maior acontece quando se transfere a mão de obra de setores de baixo valor adicionado per capita para setores com alto valor adicionado per capita.

Essa transferência de setor implica no domínio de tecnologia mais sofisticada e gera mais empregos, pagando maiores salários. Por isso, o desenvolvimento das empresas nacionais que correm o risco de ser desnacionalizadas, tem relação com a sofisticação produtiva, que envolve a transferência da mão de obra para a indústria, e, mais recentemente para serviços com tecnologia altamente sofisticada, fazendo com que as empresas possam competir dentro do mercado nacional.

Com isso, tanto a desnacionalização como a desindustrialização reduzem a participação da indústria no PIB, o que se torna negativo para o país já que o Brasil ainda depende do comércio de commodities. Com a diminuição do PIB, ocorre a diminuição da participação da indústria, devido à pressão da entrada de produtos

industrializados, fazendo com que os preços dos produtos nacionais caiam e a procura diminua cada vez mais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta maneira, ao analisar todos os fatores desta pesquisa, para receber mais investimentos diretos estrangeiros e favorecer no desenvolvimento da economia brasileira, para Cunha (2011) o Brasil precisa investir na infraestrutura do país (portos, aeroportos e ferrovias), investir na educação, principalmente nos primeiros níveis escolares primários. Esses fatores deixam a desejar e acabam dificultando os investimentos diretos estrangeiros

Segundo Cunha (2011), outra medida para que se possa atrair mais investimentos estrangeiros no Brasil, seria desenvolver a reforma tributária, para que o governo possibilite na redução dos impostos pagos pelas empresas investidoras, proporcionando assim, uma melhoria no custo da mão de obra, que além de melhorar o salário, poderá contratar mais mão de obra e influenciar diretamente na diminuição de desemprego no país.

Por isso, os fatores já mencionados não impedem que o investimento seja feito, pois com a melhoria dos meios de comunicação, e a tecnologia de informação, o processo se torna bem mais simples, pois antigamente, há dez, vinte anos atrás o investimento era muito mais discreto por falta de comunicação, principalmente quando se trata de investimentos vindos do estrangeiro.

Para De Negri (2003), ao longo dos últimos anos, principalmente no período de 2009 a 2011, o incremento do investimento direto estrangeiro na economia mundial foi extremamente significativo, principalmente para o Brasil, por fazer parte das economias em desenvolvimento, que atraíram mais investimentos estrangeiros ao longo dos últimos anos. É importante destacar que a principal forma pela qual os investimentos estrangeiros foram realizados foi através das fusões e aquisições, configurando, assim, um novo fluxo para os investimentos estrangeiros.

O Brasil, com suas políticas, necessita equiparar a sua economia ao avanço tecnológico, sofisticando sua produção para receber mais investimentos estrangeiros, para que a desnacionalização seja amenizada.

Com isso, a participação de empresas multinacionais dentro do país acaba afetando o mercado nacional, dificultando a instalação de novas empresas ou até mesmo o desaparecimento das empresas já existentes, pois as multinacionais possuem mais capacidade de monopolizar o mercado, enfatizando, dessa maneira, a necessidade do Brasil em investir em sua própria infraestrutura.

7 REFERÊNCIAS

BARROS, B. **Fusões e Aquisições no Brasil: entendendo as razões dos sucessos e fracassos**. São Paulo: Atlas, 2003.

BRESSER-PEREIRA, L.; MARCONI, N. **"Doença Holandesa e Desindustrialização"**. São Paulo, 2009.

CUNHA, J. **Determinantes das Atratividades de Investimentos Estrangeiros no Brasil**. São Paulo, 2011. Disponível em: www.fauze.com.br Acesso em 15/07/2018.

DE NEGRI, F. **Empresas estrangeiras na indústria brasileira: características e impactos sobre o comércio exterior**. In: LAPLANE, M., COUTINHO, L., HIRATUKA, C. (Org.) **Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil**. Campinas: Unesp, 2003, p.215-250. 72

DE NEGRI, J., ACIOLY, L. **Novas evidências sobre os determinantes do investimento externo na indústria de transformação brasileira**. Brasília: IPEA, 2004. 41p. (Texto para discussão; 1019)

HYMER, S. **Empresas multinacionais: a internacionalização do capital**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Capítulo 1. O impacto das empresas internacionais. p.11-35.